

Influências mútuas e diversidade na interação jornalista-leitor em um blog¹

Maria A. de Lima Wang²

Maria Eliza Mazzilli Pereira³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

RESUMO

Pesquisadores interessados em analisar a relação mídia-consumidor têm enfatizado a influência dos meios de comunicação sobre o público-alvo e acabam por perder de vista a influência do público sobre a mídia. Neste trabalho, apresentam-se dados de uma pesquisa realizada conforme a abordagem da análise do comportamento, em que se analisaram interações verbais em um blog jornalístico em busca de influências mútuas: do jornalista sobre os leitores e vive-versa, e de leitores entre si. Entre os resultados, encontraram-se indícios de influências mútuas entre os participantes do blog e de diversidade na forma como os participantes relataram um tema-alvo ao longo do tempo. Discute-se o papel de novas tecnologias, como a internet, para a diversidade do conhecimento produzido socialmente e para o possível contracontrole do público sobre a mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Controle mútuo mídia-consumidor; análise do comportamento; comportamento verbal; internet; blog.

Em 1957, Skinner apresenta em seu livro *Verbal Behavior* proposta singular para o estudo de fenômenos tradicionalmente referidos como linguagem. Inicia sua obra caracterizando comportamento operante: “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER, 1957, p.1). Quer dizer: os homens interagem com seu ambiente físico e social e, ao fazê-lo, produzem certas consequências. Essas consequências voltam a seus agentes e os modificam no sentido de *augmentar* ou *diminuir* a probabilidade de que, em situação semelhante, voltem a se comportar de modo semelhante.

Ao iniciar seu livro caracterizando comportamento operante, Skinner explicita as suposições filosóficas em que baseará sua análise: linguagem, ou comportamento verbal, como prefere denominar o fenômeno, é comportamento operante, logo, será tratada como

¹ Trabalho submetido ao GP Cibercultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutoranda do Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PUC-SP), e-mail: mariadelima@terra.com.br

³ Doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP e professora associada do Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PUC-SP), e-mail: memazizilli@pucsp.br

comportamento *selecionado e mantido* por suas consequências. De saída, portanto, Skinner deixa explícito o caráter inovador de sua proposta, ou seja, ele oferece nova alternativa às explicações tradicionais sobre os fenômenos da linguagem, freqüentemente restritas à descrição do que é falado ou escrito, à noção de significado (ideia, conceito), significante (forma), à ideia de propósito. Essas explicações, em geral, não levam em conta as condições em que esses fenômenos ocorreram inicialmente e continuam a ocorrer.

Depois de situar o comportamento verbal no campo do comportamento operante, Skinner apresenta a definição de seu objeto de estudo. Trata-se, segundo o autor, de comportamento “modelado e mantido por um meio verbal – por pessoas que respondem de certa maneira ao comportamento por causa das práticas do grupo do qual elas são membros” (SKINNER, 1957, p. 226). O autor acrescenta que o ponto central da definição é o preparo sistemático do ouvinte pela comunidade verbal. Esse é o aspecto que diferencia o comportamento verbal de outros tipos de comportamentos sociais.

Conforme Skinner (1957), o falante diz: “Dê-me um copo de água” não *para*, com a *intenção*, ou o *propósito* de afetar o ouvinte de determinada maneira, e sim porque no passado em situação semelhante esse comportamento produziu água. A resposta verbal ocorre porque no passado, diante de estimulação particular – a presença de um ouvinte – o falante emitiu resposta verbal semelhante a essa que produz água no momento, e sua resposta foi reforçada. O ouvinte, por sua vez, produz a consequência *água* para o falante, ou seja, medeia o reforço ao falante, porque foi condicionado para isso, quer dizer, foi especialmente preparado pela comunidade verbal para reagir de modo apropriado à estimulação produzida pela resposta verbal do falante.

Se falante e ouvinte constituem-se em ambiente um para o outro, há que se considerar a função de ambos para a adequada compreensão dos fenômenos linguísticos. Embora Skinner descreva separadamente essas funções no episódio verbal, enfatiza que são funções complementares e intercambiáveis. Em um episódio verbal típico, falantes e ouvintes afetam-se mutuamente e podem alternar-se em uma função e na outra. A manutenção do comportamento depende das consequências liberadas por ambos.

Ao diferenciar explicações tradicionais sobre falante e ouvinte da formulação analítico-comportamental, Skinner (2005) lembra que, por muito tempo, sustentou-se que o falante

percebe ou apreende uma parte do mundo e transforma sua percepção em cópia ou representação, que se transforma em palavras. O ouvinte, por sua vez, extrai o significado das palavras, cria outra cópia ou representação dessas palavras e, assim, recebe ou concebe o que o falante apreendeu de sua relação com o mundo. Na análise do comportamento, explica-se a ação de falante e de ouvinte de forma diferente: a atenção se volta para a ação do indivíduo sobre o ambiente e vice-versa, e para as mudanças decorrentes dessa ação (SKINNER, 2005, p. 53-54). No entanto, porque seria difícil ter acesso a antecedentes da história verbal do falante desde o início de suas interações com o mundo, o comportamento verbal parece mágico. É como se a resposta verbal fosse inerente ao indivíduo e não tivesse relação com variáveis ambientais responsáveis por sua instalação e manutenção. Logo, explicações estáticas em termos de significado e significante parecem atrativas. De acordo com a concepção skinneriana de linguagem, falamos, escrevemos, lemos porque esses comportamentos foram instalados por uma comunidade verbal e produzem consequências específicas. Em situações típicas, não há comportamento verbal sem conexão com o ambiente⁴.

A noção de comportamento selecionado e mantido por suas consequências, implícita na caracterização de comportamento operante apresentada anteriormente, fica particularmente clara no texto *Selection by consequences* (SKINNER, 1987)⁵. Nesse trabalho, Skinner afirma que o comportamento é resultado de três níveis de seleção por consequências: nível filogenético (referente à história de evolução da espécie), nível ontogenético (referente à história do indivíduo em suas relações com seu meio) e nível cultural (relativo à história do grupo, que determina as práticas culturais de seus integrantes). O estudo do comportamento verbal implica, pois, a descrição e a explicação de fenômenos relativos ao terceiro nível de seleção, que diz respeito às práticas culturais dos povos.

A afirmação de que o comportamento é selecionado e mantido por suas consequências é incompatível com suposições sobre a existência de um agente interno iniciador, autônomo. Para Skinner, porém, embora o conceito de propósito tenha sido substituído, inicialmente por Darwin e Wallace, pelo conceito de consequência, o papel desse agente continua presente, de forma implícita ou explícita, nas explicações tradicionais sobre

⁴ Ambiente na análise do comportamento é compreendido como “qualquer evento no universo capaz de afetar o organismo” (SKINNER, 1957, p. 257).

⁵ O referido artigo foi publicado originalmente na *Science*, em 1981 (vol. 213, n. 4503, p. 501-504).

comportamento. Em geral, fala-se do comportamento de falante e de escritor como se esses comportamentos fossem livres de controles funcionais. Para Skinner, o modelo de seleção por consequência é rejeitado justamente porque dispensa o papel de um agente iniciador. Neste trecho, SKINNER (1987) exemplifica como esse agente autônomo fica subentendido em discursos que tratam dos três níveis de seleção mencionados anteriormente:

Tentamos identificar tal agente quando dizemos (1) que uma espécie se adapta a um ambiente (em vez de o ambiente selecionar as características adaptativas); (2) que um indivíduo se ajusta a uma situação (em vez de a situação moldar e manter o comportamento ajustado); e (3) que um grupo de pessoas resolve um problema surgido por certas circunstâncias (em vez de as circunstâncias selecionarem a prática cultural que produz uma solução). SKINNER (1987, p.61)

A suposição de que o comportamento verbal é resultado, em alguma medida, dos três níveis de seleção descritos anteriormente, também é incompatível com tentativas de explicar comportamento operante em termos mecanicistas ou de estímulo-resposta (ver discussão apresentada por RICHELLE, 1981). Para o analista do comportamento, a escrita de um texto como este, por exemplo, envolve a interação de múltiplas variáveis originárias dos três níveis de seleção por consequência (a esse respeito, ver SKINNER, 1986, em que o autor discute a evolução do comportamento verbal).

Papel da mídia na construção social do conhecimento

Conhecimento, numa perspectiva analítico-comportamental, indica comportamento modelado pela relação direta do indivíduo com o ambiente físico ou modelado por um meio social (GUERIN, 1992). Em ambos os casos, conhecer é ser capaz de se comportar adequadamente, de forma verbal ou não verbal, em determinado contexto, com relação a determinados aspectos do mundo (SKINNER, 1957; GUERIN, 1992; TOURINHO, 2003).

Diz-se que uma criança se comporta de forma adequada diante, digamos, de um forno quente, quando, nessa situação, ela emitir comportamento adequado – não tocar o forno – ou quando for capaz de descrever a contingência⁶ de reforço – afirmar, por exemplo, que tocar forno quente produz queimadura na pele. O estabelecimento desse comportamento

⁶ O termo refere-se à interação entre o indivíduo e seu ambiente considerando-se três aspectos principais: (1) a ocasião na qual uma resposta ocorre (2) a própria resposta e (3) as consequências decorrentes do responder. Skinner (1938) chamou de contingência de reforçamento as inter-relações entre (1), (2) e (3), aspectos que constituem os três termos da unidade básica da análise do comportamento. SKINNER, B.F. *The Behavior of Organisms*. New York: Appleton Century. 1938.

pode ter ocorrido pela relação direta da criança com o ambiente – em dada ocasião ela tocou o forno quente e obteve como consequência uma estimulação aversiva típica. Nesse caso, afirma-se que a criança *sabe como*. A criança, porém, não terá de entrar em contato direto com o ambiente físico para saber que forno quente, em contato com a pele, produz estimulação aversiva particular. Ela pode chegar a esse mesmo conhecimento – *saber que* – pela instrução da comunidade verbal (GUERIN, 1992).

Seja por questão de limitações decorrentes das leis da física – não podemos estar em mais de um lugar ao mesmo tempo – seja por uma questão de evolução do meio social, muito do que conhecemos sobre o mundo decorre de interações sociais ou de interações com o produto de outras interações sociais. Exemplifica o último caso a interação de um leitor com o relato da mídia. A mídia é hoje importante fonte de conhecimento produzido socialmente. Compreender, portanto, as condições sob as quais a mídia produz informações constitui interesse legítimo da ciência. Tanto que o tema tem atraído, ao longo do tempo, pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Análises sobre a relação mídia-consumidor, em geral, enfatizam o controle dos meios de comunicação sobre o público. O tema foi tratado por autores de diferentes abordagens como RAKOS, 1993; LAITINEN e RAKOS, 1997; HALIMI, 1998; RAMONET, 1995 e 2007; ARBEX, 2001; NAMO, 2001; MARTONE, 2003; KUCINSKI, 2004; ALVES, 2006; CHAUI, 2006. É possível que essa forma de enfatizar um dos lados da relação tenha emergido porque, tradicionalmente, as possibilidades de influências do consumidor sobre os meios de comunicação foram ínfimas se comparadas com as possibilidades de controle desses meios sobre seus consumidores. Ou, como afirma Skinner, 1953, o controle individual é fraco se comparado com o controle de instituições (SKINNER, 1953, p.314)

No entanto, se certas consequências liberadas pelo consumidor são importantes para a manutenção de certos produtos e serviços oferecidos pelos meios de comunicação – a compra desses produtos pelo consumidor, por exemplo – a análise comportamental da relação mídia-consumidor só estará completa quando descrever e explicar o papel do consumidor no processo de produção desses produtos e serviços. O estudo de MULLAINATHAN e SHLEIFER (2003) exemplifica uma tentativa nessa direção. Os autores se basearam em duas suposições: a) leitores têm crenças, preconceitos (*bias*), que gostariam que fossem confirmadas; b) os jornais podem relatar notícias com certas

inclinações, certos vieses (*slant*), que irão ao encontro dessas crenças. Mullainathan e Shleifer dão o seguinte exemplo. Certos leitores podem acreditar que executivos de grandes corporações são desonestos. Então, preferem ler notícias sobre o indiciamento desses executivos a notícias sobre suas realizações. Por outro lado, donos de jornais, que buscam a “lealdade” de seus clientes porque dela depende a manutenção das vendas de seus produtos, podem inclinar-se em direção às crenças de seus leitores. Esse entrelaçamento de contingências aparentemente contribui para manter os jornais publicando notícias enviesadas, e os leitores comprando-os.

Os autores analisaram a precisão (*accuracy*) das notícias com base em premissas da economia, como a que afirma que a competição melhora a qualidade de produtos e serviços. Uma notícia com alto padrão de qualidade seria aquela que relataria aspecto da realidade de forma acurada, evitando inclinações para os diferentes lados da questão. Os autores descobriram, porém, que competição entre jornais pode até reduzir o preço dos jornais, mas não reduz, e pode até exagerar, os vieses da mídia.

Mullainathan e Shleifer se perguntaram então qual seria o impacto da competição na precisão das notícias, quando as crenças dos leitores são heterogêneas. Descobriram que a heterogeneidade de leitores tem papel mais importante sobre a precisão da notícia do que a competição mercadológica. Segundo os autores, quanto mais uniforme for o perfil dos leitores de determinada publicação, mais enviesada será a cobertura dessa publicação sobre certos temas.

Influências mútuas e diversidade na interação jornalista-leitor em um blog

Considerando-se que: (1) SKINNER (1957) destacou que há que se compreender o comportamento do ouvinte para a adequada compreensão do comportamento do falante e vice-versa; (2) a existência de uma espécie de tradição, na literatura, de olhar para a mídia do ponto de vista do controle que ela exerce sobre o consumidor, sem levar em conta a influência do leitor sobre os meios de comunicação; (3) as possibilidades de interações sociais surgidas com novas tecnologias de informação e comunicação, como a internet (conforme exemplificado por LÉVY, 2007), WANG (2008) analisou interações verbais em um blog jornalístico, em busca de possíveis influências mútuas entre os participantes desse blog: do jornalista sobre os leitores e vice-versa, e de leitores entre si.

A autora usou como fonte o blog do jornalista Luis Nassif (LN). Coletou e analisou todo o material publicado no blog durante três dias e meio, entre as 23h50 do dia 17/07/2007 e as 11h51 do dia 21/07/2007, período imediatamente posterior ao acidente com o avião da TAM, ocorrido no dia 17 de julho de 2007, em São Paulo. Nesse período, foram publicados no blog 37 textos, sendo 25 do jornalista e 12 enviados ao blog por leitores. Esses textos produziram 1.504 comentários, aos quais se originaram 169 réplicas do jornalista aos leitores.

Os comentários dos leitores foram classificados segundo categorias como *contribuição*, *concordância*, *discordância*. Essas categorias referiam-se à forma como os leitores interagiam entre si e com o jornalista: se acrescentavam opinião ou informação sobre o acidente; se concordavam ou discordavam da posição do jornalista ou de outros leitores manifestadas anteriormente no blog. Entre os 1.504 comentários identificados no período, 17,9% foram classificados como discordância. Esse dado foi interpretado como indicativo de diversidade nas interações no blog.

Outro indício de diversidade nas interações dos participantes do blog apareceu na forma como jornalista e leitores apresentaram um determinado episódio referente ao acidente ao longo do tempo. Trata-se de um vídeo envolvendo o assessor especial da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia (MAG), surgido no seguinte contexto. Após o acidente, antes de iniciadas as investigações sobre as causas, a imprensa, de modo geral, responsabilizou o governo federal pela tragédia. No dia 19 de julho, Marco Aurélio Garcia (MAG) foi filmado no próprio gabinete, sem que soubesse que estava sendo filmado, assistindo a uma reportagem do Jornal Nacional. A reportagem mostrava que havia problemas técnicos no avião envolvido no acidente. MAG fez um gesto para a televisão, que ficou conhecido como “top-top”. Sua imagem fazendo esse gesto foi gravada por um cinegrafista da Rede Globo e divulgada amplamente pela imprensa.

Os comentários dos leitores do blog sobre o gesto de MAG foram classificados em categorias como: *defende MAG*; *critica MAG*; *defende a imprensa*; *critica a imprensa*. Esses comentários foram agrupados conforme três diferentes momentos: 1) antes de o jornalista escrever sobre o tema; 2) no primeiro texto em que o jornalista escreveu sobre o tema; e 3) no segundo texto em que o jornalista escreveu sobre o tema (ver Figura 1, a seguir). A primeira vez em que LN se manifestou no blog sobre o tema foi por meio do

artigo *Radicalização irresponsável*, cuja síntese é apresentada no segundo painel da Figura 1. Apresentam-se na figura os tipos de comentários dos leitores sobre o episódio antes de LN escrever sobre o tema, e após o primeiro e o segundo textos em que o jornalista se refere ao gesto de MAG.

Antes de LN publicar o texto *Radicalização irresponsável*, ele recebeu 48 comentários sobre os gestos de MAG (primeiro painel da figura). Entre os 48 comentários iniciais, em 22,9% os leitores apenas citaram MAG, sem se posicionar claramente a respeito; em 35,4%, criticaram MAG; em 16,7%, defenderam MAG; em 18,8%, criticaram o comportamento da imprensa; e em 6,3% pediram que o jornalista escrevesse sobre o episódio. Somando-se o percentual de comentários em que os leitores defendem MAG com o dos comentários em que criticam a imprensa, obtém-se valor semelhante ao das críticas ao ministro.

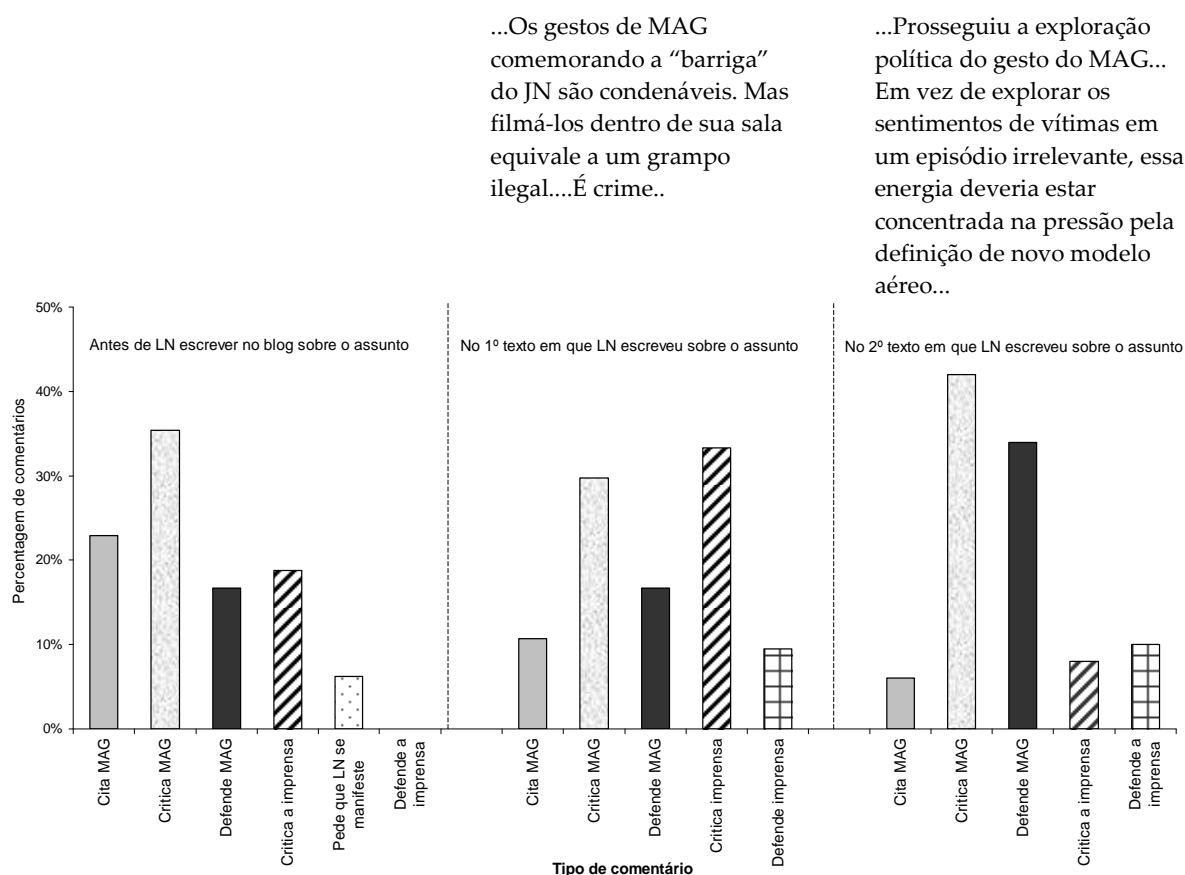


Figura 1. Tipos de comentários sobre os gestos de MAG antes de LN escrever no blog sobre o assunto e no 1º e 2º textos em que o jornalista escreveu sobre os gestos do ministro, cuja síntese encontra-se acima da figura, no momento correspondente (após o 1º texto e após o 2º texto).

Embora não se tenha esse dado sistematizado, muitos leitores que criticaram MAG o fizeram classificando seus gestos como obscenos, como sendo desrespeitosos com as vítimas, e com fortes apelos emocionais. Os defensores de MAG, ou críticos da imprensa, questionaram, porém, a maneira como a imagem foi obtida e o fato de o gesto de MAG se tratar, segundo esses leitores, de uma prática comum no Brasil, especialmente entre a população masculina.

No texto *Radicalização irresponsável*, o jornalista: 1) critica os gestos do ministro e os associa a suposta falta de solidariedade de MAG com as vítimas, aspecto bastante discutido entre os críticos do ministro; 2) critica a forma como a imagem foi obtida e a repercussão dela na imprensa, aspecto discutido pelos críticos da imprensa, no blog, nesse episódio. Esse texto obteve 224 comentários, 84 dos quais relacionados com MAG. Conforme mostrado no segundo painel da figura, em 10,7% desses comentários leitores citaram MAG; em 29,8%, criticaram MAG; em 16,7%, defenderam MAG; em 33,3%, criticaram a imprensa, e em 9,5%, defenderam a imprensa. Somando-se os comentários em que os leitores defendem o ministro com aqueles em que criticam a imprensa chega-se a 50%, ao passo que a soma do percentual de comentários em que os leitores criticam MAG e defendem a imprensa chega a 39,3% do total.

Após a crítica do jornalista à imprensa, aumenta a proporção de comentários com crítica à imprensa (cerca de 35%) quando comparada com a porcentagem de comentários desse tipo mostrada no primeiro painel (cerca de 20%), o que sugere a influência do jornalista sobre os leitores. No entanto, surgem comentários em que o leitor defende a imprensa (cerca de 10%). Antes da publicação do referido texto não foi identificado comentário desse tipo, embora em cerca de 20% dos comentários leitores já criticassem a imprensa. Quando o jornalista critica a imprensa, parece induzir leitores a fazer o mesmo e, por sua vez, parece influenciar os defensores da imprensa a se manifestar.

No dia 21 de julho, o jornalista volta a escrever sobre o gesto de MAG no texto *O problema não é Marco Aurélio*, que obteve 92 comentários publicados, dos quais em 50 fazem-se referências aos gestos de MAG. Desses 50 comentários, conforme mostrado no terceiro painel da Figura 1, em 42% os leitores criticaram o ministro; em 34%, defenderam-no; em 9,7% defenderam a imprensa; e em 8% os leitores criticaram o comportamento da imprensa no episódio. Observa-se aumento do número de leitores que

defendem o ministro ao se comparar com o percentual de 16,7% de defesa do ministro, no segundo painel, com o de 34% registrado no terceiro painel.

A suposição de que, no caso do gesto de MAG, o jornalista pode ter sido influenciado pelos comentários prévios dos leitores é fortalecida quando se analisa o tempo que ele levou para escrever sobre o episódio. A imagem do gesto de MAG foi divulgada pelo Jornal Nacional no dia 19, e só depois das 18h do dia 20 o jornalista publicou no blog o primeiro texto sobre o tema. A considerar o dinamismo do blog, e o perfil do jornalista, que é reconhecido publicamente como avesso a sensacionalismo, supõe-se que ele não escreveria sobre o assunto, não fosse a influência de leitores nesse sentido. Tanto assim que em um comentário publicado no dia 20/07/2007, às 13h51, o leitor Virgilio Tamberlini sugere que Nassif divulgue o vídeo com os gestos de MAG, e o jornalista replica ao leitor negativamente, conforme a seguinte transcrição:

Virgilio Tamberlini – “Por que voce não acrescenta o vídeo do PHdeus MAG? Quanto a MAG dizer que estão tirando proveito político do fato, infelizmente, estão; da mesma forma que o PT fez com o buraco do Serra”. E o jornalista replica: “Pela mesma razão que não explorei o acidente do Metrô”.⁷

No conjunto de sua análise, WANG (2008) interpretou como indicativo de diversidade no blog o número de textos de leitores publicado na primeira página do blog; o número de comentários classificados como discordante (17,9%); a forma como jornalista e leitores discutiram o episódio envolvendo o gesto de MAG. Esses dados são consistentes com a análise apresentada por MULLAINATHAN E SHLEIFER (2003) de que a homogeneidade de leitores é variável crítica para a diversidade de informação apresentada pela imprensa. Supõe-se que, em um ambiente aberto, com as características do blog analisado – que claramente estimula o debate entre diferentes pontos de vista – há mais probabilidade de existir diversidade na forma com que os participantes apresentam certos eventos do que na forma com que a imprensa tradicional, que está sob controle de interesses políticos e econômicos poderosos (HALIMI, 1998; RAMONET, 1995, 2007; CHAUI, 2006) apresenta os mesmos eventos. Essa é, porém, uma questão empírica. Restaria saber se a

⁷LN se refere ao acidente ocorrido no canteiro de obras do metrô, em Pinheiros (zona oeste de São Paulo), no início de 2007.

diversidade encontrada no blog sobre o acidente da TAM seria encontrada na grande imprensa.

A análise de outras interações entre os participantes do blog fortalece a suposição da existência de influências mútuas entre eles. Alguns exemplos são apresentados na Tabela 1. Ao comentar um *post*, de LN, intitulado *A aviação e o problema regulatório*, o leitor Renato faz uma brincadeira: afirma que um bom local para construir outro aeroporto em São Paulo seria o Parque São Jorge. A brincadeira desencadeia uma série de manifestações sobre o assunto e faz com que jornalista e outros leitores mudem de tema: deixem de discutir o assunto principal do post e passem a discutir futebol, conforme mostrado na Tabela 1. Na mesma tabela, há outros exemplos de interações entre o jornalista e os leitores, e de leitores entre si, que sugerem influências mútuas.

Depois dessas interações mostradas na Tabela 1, LN publica, no dia 19, às 18h, o texto *A saga corintiana*, que tem relação direta com a discussão anterior, iniciada por Renato. O jornalista escreve: “Depois da longa discussão sobre a criação de um aeroporto no Parque São Jorge, que tal uma avaliação dos mitos da história corintiana?”

Tabela 1. Interações envolvendo leitores e jornalista e leitores entre si, dispostas cronologicamente, em que ficam implícitos ou explícitos controles mútuos. Esses comentários antecederam a publicação do texto *A saga corintiana*.

Renato	Luis Nassif	Rai	Deodato Filho	Luis Nassif	Paulo de Freitas Dia	Luis Nassif	Rai
(19/07/2007 07:53:53) ...Já em São Paulo, um bom lugar para se fazer outro aeroporto seria no Parque São Jorge, é terra improdutiva mesmo. Provocação aos Corintianos, rsss. Não sou Palmeirense, sou Águia do Vale.	(19/07/2007 07:53:53) Na Marginal, sem número? Dá uma boa discussão	(19/07/2007 11:43:57) Naquela parte da Marginal, sem número, não é indicado, pois aquele lugar é minado, já que é frequentado por muitas "bombas!"	(19/07/2007 11:48:41) É tão vergonhoso e fora de hora o comentário do Renato e a réplica do Nassif que eu perdi o tesão de fazer o meu. (e era permanente)	(19/07/2007 11:43:57) Qual comentário mesmo?	(19/07/2007 12:27:47) O Renato e o Nassif fizeram uma brincadeira inocente, sem relação com o acidente, às vítimas ou ao momento. Não exagere na suscetibilidade. Corinthiano vidrinho ninguém merece. Depois falam de nós, são-paulinos...rs	(19/07/2007 12:27:47) Nem me lembro o que foi. Ah, do campo de aviação no Corinthians?	(19/07/2007 13:21:07) É melhor parar de "mexer" no vespeiro que é o assunto de fazer um aeroporto no Parque São Jorge. corremos o risco de ver o "nosso blog" virar campo de guerra.

Odracir Silva	Emílio	Luis Nassif	Renato	Deodato Filho	Rai	Paulo de Freitas Dia	Deodato Filho
(19/07/2007 13:30:21) mas seraa q o Berezovsky vai aceitar?	(19/07/2007 13:30:41) A quem possa interessar: Sport Club Corinthians Paulista... Quem desejar um clube com 3 restaurantes (1 internacional), piscinas de ondas, com correntezas, com cascatas, olímpicas, mergulho, aquecidas, etc..., pode se juntar a nós.	(19/07/2007 13:30:41) Hehehehehehe... Toque os russos de lá primeiro.	(19/07/2007 14:42:54) Fiz uma brincadeira, até mesmo pra quebrar o gelo da tragédia pela qual todos nós estamos passando, não tive em hipótese alguma ofender ninguém. Que o nível de nosso blog seja mantido, pelo bem de todos nós e também do NASSIF...	(19/07/2007 19:00:15) Paulo Freitas das 12:27H. Primeiro que voce nao sabe para que time eu torço. 2o que esse blog eh lido por diversas pessoas que podem ter relacao com o acidente e se fosse comigo eu nao gostaria. Tenho bom humor mas exitem horas...	(19/07/2007 19:00:23) Com todo respeito ao corinthiano Emílio, que tece elogios ao clube (parte social) que tem como endereço, Av. Marginal s/n, e sua portaria (suntiosa por sinal) em frente à rua São Jorge, aconselharia ao mesmo, conhecer as sedes sociais...	(19/07/2007 19:51:05) Ao Deodato, Amigo, acho que sei o porquê do seu mal humor...rs. Com esse nome, DEODATO, é duro relaxar. Agravante: o pai repetiu no filho o erro que cometeram com ele...este sim tem senso de humor...rs	(20/07/2007 10:59:18) Continuo batendo firme na questão de que não é hora para piadas em público. Felizmente não faço juízo de valores sem conhecer a pessoa, apenas sobre seus comentários.

Considerações finais

Aparentemente, a explosão da internet, superando mídias tradicionais, ocorreu quando as tecnologias aplicadas à rede se tornaram amistosas, e o consumidor pode tornar-se participante ativo do processo de produção do produto que consome. Hoje, na chamada geração Web. 2.0, não há delimitação rígida entre quem produz e quem consome conteúdo. Redes sociais baseadas na Internet, como Wikipédia, Youtube e as próprias comunidades virtuais que se formaram no blog de Luis Nassif (<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/>), são exemplos de que, nesses casos, consumidor e produtor do conhecimento podem alternar-se em ambas as funções. Essa possibilidade pode enriquecer as interações sociais como nunca se teve registro na história da relação mídia-consumidor. O trecho seguinte, de Luiz Carlos Azenha, ex-repórter da Globo e atual editor do Blog Vi o Mundo, exemplifica a questão. Segundo AZENHA (2007):

Há uns dez anos, eu poderia ir à TV e falar uma besteira sobre Medicina, por exemplo. As reclamações levariam dois ou três dias para chegar, se chegassem. O mesmo se aplicava ao colunista de jornal. Ele escrevia, o texto era publicado, a carta do leitor levava tempo... Havia um espaço entre ação e reação, que desapareceu. Hoje eu escrevo esse texto, publico e em menos de cinco minutos tem alguém me escrevendo para dizer que discorda, que estou errado, que não pensei naquele outro aspecto e assim por diante. Quem escreve? São médicos que entendem mais de Medicina do que eu. São engenheiros que entendem mais de Engenharia do que eu. São historiadores que entendem mais de História do que eu.

Mediadas por novas tecnologias de comunicação e de informação, interações entre pessoas de diversas localidades do planeta podem ocorrer quase simultaneamente. Na pesquisa de WANG (2008), o atraso médio entre a publicação de um texto e a publicação do 1º comentário a esse texto foi de 2 horas e 37 minutos, sendo que em 22 textos o atraso foi menor que uma hora. De certa forma, é como se os participantes do referido blog participassem de um típico episódio vocal, de uma conversação, em que há pequeno atraso entre a emissão da resposta e as consequências a essa resposta.

Porque desde o início de nossas interações com o mundo fomos ensinados ora a ouvir ora a falar, participar de um processo de comunicação como este tende a ser mais agradável e enriquecedor para o consumidor do que em situações em que o consumidor apenas interage com o produto do comportamento de outras pessoas, sem poder colaborar com a construção desse produto.

Não se sabe qual será o efeito da entrada desses novos sujeitos no processo de produção do conhecimento sobre a qualidade do conhecimento produzido. No entanto, se variedade de público é critério importante para a “precisão” da notícia, a internet parece se tornar importante ferramenta para estimular variedade na forma como a notícia é apresentada ao público, ao permitir, por exemplo, o surgimento de grupos como o Movimento dos Sem-mídia (MSM), que afirma ter por objetivo a defesa da pluralidade na imprensa.⁸

Ao permitir a redução do tempo entre interações de pessoas situadas em quaisquer partes do planeta, e facilitar essas interações, novas tecnologias de comunicação e informação deveriam ser consideradas no planejamento de contingências de ensino e de pesquisa, para o planejamento de contingências que visem a estimular a diversidade nos meios de comunicação de massa e estimular o contracontrole do consumidor (SIDMAN, 2003).

Essas tecnologias ampliam o âmbito das interações sociais de forma significativa e diminuem possíveis limitações individuais no acesso ao conhecimento. Cada um de nós tem as próprias limitações, a começar por questões físicas. Não podemos estar em dois ambientes ao mesmo tempo. Nossa história ontogenética e cultural faz com que sejamos afetados por certos aspectos do ambiente e não por outros aspectos. Se alguém, com história diferente, que tem contato com certos eventos (*sabe como* ou *sabe que*), se dispuser a compartilhar seus conhecimentos com outros integrantes da comunidade, sua contribuição poderá ampliar a visão de outras pessoas do grupo sobre os referidos eventos.

Tanto no modelo darwinista de seleção natural das espécies quanto no modelo skinneriano de seleção comportamental por consequências, a variabilidade é condição necessária para a seleção. No que diz respeito ao comportamento verbal sem variabilidade, a seleção de novas práticas que sigam na direção da evolução das práticas culturais do grupo podem tornar-se comprometidas. O sistema explicativo da análise do comportamento pode oferecer importante contribuição para a compreensão dos fenômenos referidos como cibercultura, e para o planejamento de possíveis intervenções, que visem a estimular a diversidade na mídia e a tornar a relação mídia-consumidor mais equidistante.

⁸ O estatuto do movimento pode ser consultado no blog de Eduardo Guimarães (<http://eduardoguimaraes.blug.com.br>), presidente da referida organização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A.C.P. *Mídia e Construção Social do Conhecimento: atentados terroristas no relato de dois jornais brasileiros*. 2006. 85p. Dissertação (mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

ARBEX JR. J. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. 4. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 290p.

Azenha, L. C. (2007). *Palavras não definitivas sobre o jornalismo anacrônico*. Vi o mudo. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/opiniao/palavras-nao-definitivas-sobre-o-jornalismo-anacronico>>. Acesso em 14.jun.2009

CHAULI, M. *Simulacro e poder: Uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. 144p.

GUERIN, B. *Behavior Analysis and Social Construction of Knowledge*. American Psychologist, Washington, DC, v. 47, n.11, p. 1423-1432. November, 1992.

HALIMI, S. *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, 152p.

KUCINSKI, B. *Jornalismo na era virtual – ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Editora UNESP, 2004, 143p.

LAITINEN, R.; RAKOS, R.F. *Corporate control of media and propaganda: A behavior analysis*. In P.A. Lamal (Org.), *Cultural contingencies: Behavior analytic perspectives on cultural practices*. p. 237-267. Westport, CT: Praeger. 1997.

LÉVY, P. *A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo. Edições Loyola, 2007. 212p.

MARTONE, R. C. *Traçando práticas culturais: A Imprensa como agência e ferramenta de controle social*. 2003. 155p. Dissertação. (mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

MULLAINATHAN, S.; SHLEIFER, A. *The Market for News*. Harvard Institute. 2003. Disponível em <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=485724>. Acesso dia 14.jun.2009.

NAMO, D. *A Violência Retrutada por um Meio de Comunicação de Massa: uma perspectiva Behaviorista Radical*. 2001. 145p. Dissertação (mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

RAMONET, I. *O pensamento único e os novos senhores do mundo*. 1995. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/pensamentounico_ramonet.htm>. Acesso dia 13.jun.2009.

_____. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. 141p.

RAKOS, R.F. *Propaganda as stimulus control: the case of the Iraqi invasion of Kuwait*. Behavior and Social Issues, Chicago, v3. p. 35-62, 1993.

RICHELLE, M. *Skinner o el peligro behaviorista*. Barcelona:Editorial Herder, 1981.190p.

SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editora Livro Pleno, 2003. 301p. (obra publicada originalmente em 1989).

SKINNER, B.F. *Science and Human Behavior*. New York: Appleton Century, 1953. 461p.

_____. *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957. 478p.

_____. *Selection by consequences*. In: Skinner, B.F. *Upon Further Reflection*. New Jersey. Prentice-Hall, 1987. p.51-63.

_____. *The Evolution of Verbal Behavior*. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, v. 45, p. 115-122. Jan., 1986. Disponível em <<http://www.pubmedcentral.nih.gov/picrender.fcgi?artid=1348216&blobtype=pdf>>. Acesso dia 14.jun.2009.

_____. *Questões recentes na análise comportamental*. 5 ed. Campinas: Papirus, 2005. 193p. (obra publicada originalmente em 1989).

TOURINHO, E.Z. *A produção de conhecimento em Psicologia: A Análise do Comportamento*. Psicologia Ciência e profissão, v.23, n. 2, 30-41. 2003.

WANG, M.A.L. *Análise de interações verbais em um blog jornalístico: possíveis relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si*. 2008. 100p. Dissertação (mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.